

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

## Mundo de Regeneração: espiritismo, mundo futuro e política

Sinuê Neckel Miguel  
(UEPB)  
sinueneo@gmail.com

### *Resumo*

Nossa comunicação trata dos modos como se desenvolveram narrativas proféticas na história do espiritismo no Brasil, tendo em vista sobretudo os seus possíveis significados políticos. Assim, analisamos obras que tratam da ideia de transição planetária para um mundo futuro de regeneração, observando como ideias de progresso, de providência divina, de seleção de espíritos e de embate entre o bem e o mal relacionam-se com a dimensão política da religião espírita em distintos contextos históricos, de finais do século XIX aos nossos dias.

Palavras-chave: espiritismo; profecia; política

### *Introdução*

Desde os escritos de Allan Kardec o espiritismo se fez porta-voz de uma narrativa otimista, centrada na ideia de progresso, apontando para um futuro “mundo de regeneração” que viria a superar o atual “mundo de provas e expiações”. Essa concepção, que perpassa noções que vão do léxico liberal ao socialista utópico, passando pelo positivista, abrigou renovadas expectativas entre seus adeptos acerca de grandes transformações que haveriam de se processar no planeta em favor desse esperado mundo onde não mais vigeria a predominância do mal.

Essas expectativas permaneceram sendo alimentadas pela literatura espírita brasileira, com obras como *A Caminho da Luz e Brasil e Coração do Mundo, Pátria do Evangelho*, ambas do médium Francisco Cândido Xavier, com autoria espiritual atribuída respectivamente ao espírito Emmanuel e ao espírito Humberto de Campos. A mais recente obra desse matiz, *No Rumo do Mundo de Regeneração*, do médium e orador Divaldo Franco, assinada pelo espírito Manoel Philomeno de Miranda, foi publicada no dia 31 de

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

dezembro de 2020, apresentando uma narrativa acerca dos “bastidores espirituais” em operação no contexto atual da pandemia da Covid-19.

Diante dessas narrativas, nosso estudo propõe uma análise histórica acerca da configuração religiosa e política da identidade espírita no Brasil no que tange sua conformação a um ideal de neutralidade política imbricado a uma crença “milenarista” na promoção de um “mundo de regeneração” orquestrada por espíritos superiores. Examinando a referida literatura, bem como artigos em periódicos espíritas como a revista *Reformador*, da Federação Espírita Brasileira, pretendemos delinear o imaginário espírita acerca da transição para um mundo futuro idealizado, articulando-o com determinadas posições políticas que foram desenvolvidas ao longo da história do espiritismo.

## *Religião, política e profecia*

O modo como as religiões se relacionam com o tempo, particularmente o modo como a experiência vivida é traduzida em termos “extramundanos” no transcurso do tempo, tem importantes implicações políticas, como nas escatologias que portam uma dimensão crítica ao *status quo* (COHN, 1996). Para nossos propósitos em relação ao estudo do espiritismo, é particularmente interessante notarmos que a tradição profética judaico-cristã, caudatária do zoroastrismo, se notabilizou por dar uma dimensão propriamente histórica à passagem do tempo, com a linearidade escatológica rompendo com o tempo cíclico, com o “mito do eterno retorno”. Como aponta Sérgio da Mata, essa tradição, com sua expectativa de libertação futura, de caráter apocalíptico, tensiona outra tradição, a do cânone, voltada para o passado, para a tradição ritual e das escrituras sagradas, protegidas pelo sacerdote (MATA, 2010, p. 23-29).

De acordo com Reinhart Koselleck,

A história da Cristandade, até o século XVI, é uma história das expectativas, ou, melhor dizendo, de uma contínua expectativa do final dos tempos; por outro lado, é também a história dos repetidos adiamentos desse mesmo fim do mundo. (KOSELLECK, 2006, p. 24)

A dimensão política da escatologia cristã pode ser entendida em termos de sua ambiguidade: pode assegurar unidade e estabilidade sob a égide do poder estabelecido, mas também pode ser um potente detonador disruptivo, quando acionado por impulsos rebeldes. É nesse sentido que o profetismo e o messianismo têm o potencial do engajamento político, possivelmente de caráter revolucionário, vinculando-se a

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

horizontes utópicos (MATA, 2010, p. 122). Por isso mesmo, o profetismo foi regulado pela Igreja Romana – no limite, com a fogueira. A imprecisão quanto ao *eschaton* parece importante para evitar efeitos politicamente potencialmente explosivos (KOSELLECK, 2006, p. 26).

No caso do espiritismo, a percepção de que o mundo deve ou deverá ser diferente, melhorado, regenerado, funciona como narrativa agregadora quando mantida sob suficiente imprecisão em termos de conteúdo concreto. A identidade espírita tem sido tradicionalmente forjada em termos de uma genérica narrativa do progresso, capaz de se apresentar politicamente neutra. Essa pretensão à neutralidade sob a marca do genérico é sustentada positivamente como signo de universalidade – que, por definição, a todos abriga. Já quando a ideia de progresso assume contornos políticos mais precisos, como crítica do presente a partir de uma localização explicitamente definida no espectro político, desencadeia-se a desintegração da “família espírita”.

### *Espiritismo, progresso e mundo de regeneração*

Como já sublinharam Artur Isaia e Fábio Luiz da Silva, por exemplo, no espiritismo a utopia do chamado “mundo de regeneração” é expressão teleológica da providência divina, fiadora do progresso advindo das sucessivas experiências reencarnatórias pelas quais passam os espíritos (SILVA, 2012, p. 8-17; ISAIA, 2012, p. 103-104).

Allan Kardec classificou os mundos habitados numa escala evolutiva: inicialmente, mundos primitivos, em seguida mundos de expiação e provas (situação na qual o planeta Terra se encontraria, onde domina o mal), depois mundos de regeneração, mundos ditosos (onde o bem sobrepuja o mal) e, por fim, mundos celestes ou divinos (KARDEC, 2019, p. 58). A evolução tem caráter físico e moral, associando desmaterialização à libertação das paixões ligadas à matéria, como seriam o orgulho, a inveja e o ódio. Tais “paixões desordenadas”, “escravizantes”, seriam superadas nos mundos de regeneração, que cumpririam uma função de preparação, de transição para o estágio seguinte, de mundos ditosos.

De um ponto de vista histórico, podemos dizer que nas primeiras décadas do espiritismo brasileiro o republicanismo era a expressão do engajamento pelo progresso,

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

assumindo em muitos casos uma acentuada verve anticlerical, em consonância com a sociabilidade político-religiosa do final do século XIX que aproximava maçons, positivistas, ecléticos, livre-pensadores e, à esquerda, socialistas e anarquistas (ISAIA, 2007; SILVA, 2012; MACHADO, 1996; NOGUEIRA, 2016 e DAMAZIO, 1994).

O gradualismo e o elitismo, típicos do positivismo, também se fazem presentes na retórica do progresso assumida pelos espíritas, pois este deve se dar, preferencialmente, sem sobressaltos e pacificamente, sob a tutela de uma elite esclarecida, tal como teria se dado a Proclamação da República em 1889, elogiada pela Federação Espírita Brasileira em mensagem dirigida ao Governo Provisório dos Estados Unidos do Brasil, publicada no *Reformador* (ISAIA, 2012, p. 113-116).

O debate entre “místicos” e “científicos” (ARRIBAS, 2010) expressava também os distintos modos como se daria esse progresso: seria ele conduzido pela ciência, por trabalho humano, ou seu impulso fundamental estaria na revelação divina? Nas palavras de Bezerra de Menezes, então à presidência da Federação Espírita Brasileira, haveria de se escolher:

(...) entre aquele verdadeiro materialismo, ou espiritismo materialista, que só difere do positivismo no nome, e o nosso misticismo, ou espiritismo religioso, (...) que “não pede ao mundo mas sim a Jesus, pensamento do Eterno, a força e a luz para o progresso humano”, segundo o Evangelho, não como código civil, mas como divino repertório das verdades eternas, que regeneram e salvam. (*Reformador*, novembro de 1896, nº 328, p. 1)

Em outro editorial do *Reformador*, intitulado “Falsos profetas”, Bezerra de Menezes acusa de serem “falsos profetas” os espíritas “científicos”, por se recusarem a seguir a orientação religiosa da doutrina espírita. Nesse editorial, Bezerra traz o apocalipse como evidência para a urgência do engajamento evangélico, assumindo a missão do espiritismo como propagação da mensagem cristã à luz da nova revelação espiritual:

É preciso estar cego para não ver que somos chegados aos tempos apocalípticos, a que tantas vezes se referem os evangelistas.

É preciso ser surdo, para não ouvir os gemidos provocados pela transformação que já se opera e que vai fazer do nosso planeta jardim de flores etéreas, em vez do que tem sido: deserto povoado de dores, de angústias e de sofrimentos. (*Reformador*, 15 de março de 1896, nº 314, p. 1)

A retórica apocalíptica mobiliza a noção de luta entre o bem e o mal, de um lado Jesus, de outro o príncipe do mundo ou príncipe das trevas. Há que se manter firme do

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

lado da luz, afastando a dúvida, o ceticismo, trabalhando para a vitória do espiritismo sobre as filosofias do nada, do espírito sobre a matéria (Reformador, maio de 1914, p. 166-167). Nesse artigo, intitulado “As Lutas”, é Ismael, tido como o anjo guia do Brasil, que comunica o ápice desse combate com o cumprimento das profecias dos Evangelhos:

Não vos descuideis um momento; porque o príncipe d’este mundo, já julgado pelo Amado Mestre, ainda tem poder sobre vós.

Se assim é, descuidosos não vos senteis sobre a rocha, até que o vulcão, fazendo erupção, venha abrir-se aos vossos olhos, quando então tiverdes só aos vossos pés a profundidade do abismo.

De há muito nós vos prevenimos. Dois elementos se embatem atuando poderosamente sobre os seres: luz e trevas. (Reformador, maio de 1914, p. 166-167)

Uma ideia importante dentro da narrativa da transição planetária é a seleção da parte da humanidade terrestre apta a habitar o mundo de regeneração. Aqueles que não acompanharem o progresso planetário deverão ser degredados para outro planeta, compatível com seu grau de evolução. Podemos ressaltar aqui a importância da noção de mérito na cosmovisão espírita, balizadora da compreensão acerca da justiça divina. Esse é um ponto a se destacar na atração que o espiritismo exerce sobre a classe média letrada, para a qual a ideologia meritocrática tipicamente capitalista é funcional à produção e manutenção de privilégios relativos, sustentando a superioridade do trabalho intelectual sobre o manual (SAES, 1985).

A ideia do degredo, já presente em Kardec<sup>1</sup>, ganhou força com a publicação, em 1939, da obra *A caminho da luz*, de psicografia de Francisco Cândido Xavier, atribuída ao espírito Emmanuel, considerado o seu mentor espiritual. Nessa obra, narra-se a história da formação e habitação do planeta Terra, destacando-se as chamadas “raças adâmicas” como originárias de um planeta que orbita a estrela Capela. Esse planeta teria passado pela transição de um mundo de provas e expiações para um mundo de regeneração, sendo que aqueles que não acompanharam essa transição evolutiva foram exilados para o planeta Terra (XAVIER, 2020, p. 27-29). De modo similar, nosso planeta também estaria em transição para o estatuto de mundo de regeneração. Às vésperas da Segunda Guerra Mundial, a narrativa apocalíptica é potencializada nas palavras de Emmanuel:

---

<sup>1</sup> Recuperando o raciocínio exposto na resposta à última questão d’*O livro dos espíritos* (KARDEC, 2006, p. 338-339), Kardec, no capítulo XI, Gênese espiritual, da obra *A Gênese*, desenvolve a ideia de raça adâmica como uma “raça proscrita”, constituída de espíritos que foram exilados para a Terra por não terem acompanhado o progresso do seu planeta de origem (KARDEC, 2020, p. 194).

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

As guerras russo-japonesa e a europeia de 1914-1918 foram pródomos de uma luta maior, que não vem muito longe, e dentro da qual o planeta alijará todos os Espíritos rebeldes e galvanizados no crime, que não souberam aproveitar a dádiva de numerosos milênios, no patrimônio sagrado do tempo.

Então a Terra, como aquele mundo longínquo da Capela, ver-se-á livre das entidades endurecidas no mal, porque o homem da radiotelegrafia e do transatlântico precisa de alma e sentimento, a fim de não perverter as sagradas conquistas do progresso. Ficarão no mundo os que puderem compreender a lição do amor e da fraternidade sob a égide de Jesus, cuja misericórdia é o verbo de vida e luz, desde o princípio. (XAVIER, 2020, p. 195-196)

Com base na premissa da escala evolutiva dos planetas, por vezes apresentam-se os grandes flagelos que a humanidade sofrerá como meio de acelerar o processo de transição, já que com desencarnação em massa a necessária seleção espiritual poderia se operar mais rapidamente. Guerras, pandemias e toda a sorte de desastres ambientais seriam, portanto, providenciais. É nesse sentido que Emmanuel anuncia:

O século que passa efetuará a divisão das ovelhas do imenso rebanho. O cajado do pastor conduzirá o sofrimento na tarefa penosa da escolha e a dor se incumbirá do trabalho que os homens não aceitaram por amor.

Uma tempestade de amarguras varrerá toda a Terra. Os filhos da Jerusalém de todos os séculos devem chorar, contemplando essas chuvas de lágrimas e de sangue que reventarão das nuvens pesadas de suas consciências enegrecidas. (XAVIER, 2020, p. 202)

Devemos sublinhar como o discurso apocalíptico cumpre uma importante função mobilizadora da religião. A missão regeneradora do espiritismo sobressai-se, estimulando seus adeptos a um reforço do seu engajamento em face da urgência anunciada profeticamente:

Sim, porque depois da treva surgirá uma nova aurora. Luzes consoladoras envolverão todo o orbe regenerado no batismo do sofrimento. O homem espiritual estará unido ao homem físico para a sua marcha gloriosa no Ilimitado, e o Espiritismo terá retirado dos seus escombros materiais a alma divina das religiões, que os homens perverteram, ligando-as no abraço acolhedor do Cristianismo restaurado. (XAVIER, 2020, p. 203)

Aqui é importante destacarmos a necessidade de controle sobre a excitação apocalíptica. Como vimos, a depender do modo como o profetismo se manifesta podem-se produzir desestabilização no seio das religiões bem como sublevações políticas. Então, juntamente com a constante lembrança da missão regeneradora do espiritismo e da expectativa muitas vezes renovada da iminência de uma transição para o mundo de regeneração, se insiste no caráter espiritual, educativo e reformista da tarefa dos espíritas. Envolvimento direto com as “coisas do mundo”, atuação na arena política e engajamento revolucionário são, em regra, excluídos do universo de possibilidades reservado aos

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

espíritas. Um exemplo desse discurso encontra-se na obra profética *Brasil, coração do mundo, pátria do evangelho*, de psicografia de Chico Xavier e de autoria espiritual de Humberto de Campos:

Depreende-se, portanto, que a principal questão do espiritismo é proclamar a necessidade da renovação interior, educando-se o pensamento do homem no Evangelho, para que o lar possa refletir os seus sublimados preceitos. Dentro dessa ação pacífica de educação das criaturas, aliada à prática genuína do bem, repousam as bases da obra de Ismael, cujo objetivo não é a reforma inopinada das instituições, impondo abalço à natureza, que não dá saltos; é, sim, a regeneração e o levantamento moral dos homens, a fim de que essas mesmas instituições sejam espontaneamente renovadas para o progresso comum.

(...) Dentro, pois, do Brasil, a grande obra de Ismael tem a sua função relevante no organismo social da Pátria do cruzeiro, vivificando a seara da educação espiritual. E não tenhamos dúvida. Superior às funções dos transitórios organismos políticos, é essa obra abençoada, de educação genuinamente cristã, o ascendente da nação do Evangelho e o elemento que preparará o seu povo para os tempos do porvir. (XAVIER, 2019, p. 180-181)

Esse discurso espírita dominante pode ser entendido como estando em conformidade com o processo moderno e liberal de privatização da religião como questão de consciência individual, onde religião e política separam-se como siameses da modernidade (ASAD, 1993; BURITY, 2001; GIUMBELLI, 2002 e NONGBRI, 2013). Se de um lado tal processo faz emergir o Estado laico, por outro lado um de seus efeitos colaterais é o esvaziamento do potencial político do conteúdo ético das religiões. Todavia, como já assinalamos em trabalhos anteriores, tal discurso religioso de negação da política não significa ausência de posicionamento político. Além do fato da impossibilidade da neutralidade política (mesmo o silêncio pode ter profundo impacto político), observamos uma flexibilização da regra do não posicionamento tradicionalmente permissiva quando se trata de posições mais à direita do espectro político (MIGUEL, 2020).

Importa ainda destacarmos como a obra *Brasil, coração do mundo, pátria do evangelho* foi importante para dar substância nacional à expectativa profética de realização da providência divina em favor do progresso da humanidade. Para Bernardo Lewgoy, essa obra, com uma cosmologia nacionalista vinculada a uma missão teológica, “serviu para cimentar uma certa visão de espiritismo consoante com a visão de mundo de alguns grupos de elite letrada da sociedade brasileira da época” (LEWGOY, 2000, p. 138). Um ideal modernizante elitista e corporativista atraía determinados grupos profissionais entre as camadas médias urbanas, como médicos, advogados, militares e

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

professores, já que esses se viam como agentes do progresso, tendo em vista a Europa como modelo civilizacional (LEWGOY, 2000, p. 216).

Ainda podemos sublinhar a importância política da ênfase na guerra como um dos grandes males que demonstrariam a falência moral da humanidade e assim justificariam flagelos de caráter expiatório. A obra *Emmanuel*, de 1938, dedica quatro capítulos à situação política europeia (capítulos 18, 19, 20 e 21), sublinhando a iminente conflagração em razão da falta de uma base espiritual verdadeiramente cristã para a Europa, capaz de lhe conferir unidade (XAVIER, 2018, p. 115-119).

Quanto às guerras, pode-se dizer que normalmente são associadas com a dimensão profana da vida, de natureza inferior, ligadas à animalidade, e explicadas genericamente seja pela busca de poder, seja pelo confronto entre ideologias extremistas. Por exemplo, assevera o articulista Inaldo Lacerda Lima:

Será suficiente que algum chefe político se deixe, pelo egoísmo, submeter a uma crise de *febre de poder*, e todo o planeta estará com a sua paz ameaçada, porquanto tal chefe político facilmente encontrará os que estão prontos para segui-lo. (Reformador, junho de 1991, p. 28; grifos no original)

Nesse sentido, a guerra pode ser entendida como uma espécie de ápice da lógica da política, arena do conflito e da busca por poder. Essa trama semântica reforça a marginalização da política no universo de ação legítima ao movimento espírita, contribuindo, portanto, para a sustentação do discurso de neutralidade política que aparece sobretudo sob a fórmula da reforma íntima, marcada por uma espécie de individualismo ontológico reducionista e atomista (MIGUEL, 2020 e SIGNATES, 2019).

### *Imaginários, utopias e profecias*

Em 1944 é publicada a obra *Nosso Lar*, que será a grande referência em termos de imaginário espírita para a vida social após a morte. Esse imaginário é importante pois é a partir dele, como forma de idealização da organização social, que se baliza o horizonte de expectativas acerca do mundo de regeneração. Como mostrou Fábio Luiz da Silva, *Nosso Lar* pode ser compreendida como cidade utópica, funcionando exemplarmente em seus três aspectos, como santuário, aldeia e fortaleza. Representando “o ideal do planejamento urbano espiritualizado”, onde “tudo é ordem, providência, limpeza e sossego”, *Nosso Lar* é a cidade espiritual – “Jerusalém Celeste” – que deverá ser materializada na Terra (SILVA, 2012, p. 19; LEWGOY, 2000, p. 212). O trabalho e a

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

ordem são extremamente valorizados e, se de um lado não há propriedade capitalista, por outro lado também não há democracia, mas uma espécie de aristocracia intelecto-moral, tal como preconizada por Allan Kardec, organizada burocraticamente, isto é, de modo hierárquico e eficiente. A obra de André Luiz converge, nesse sentido, com valores preponderantes no positivismo, no militarismo e no liberalismo conservador que marcaram os anos da Primeira República, bem como com o nacionalismo corporativista do Estado Novo varguista.

Já nos anos da contracultura e da espiritualidade *New Age*, ganhou força entre os espíritas tendências orientalistas e esotéricas, já desenvolvidas décadas antes por Edgard Armond, à frente da FEESP (ARRIBAS, 2014, p. 187). A partir da década de 1950, com a publicação das obras atribuídas ao espírito Ramatis<sup>2</sup>, sob a psicografia de Hercílio Maes, circularam largamente profecias acerca do apocalipse, que viria com a verticalização do planeta Terra provocada pela aproximação de um outro planeta, o que produziria grandes catástrofes até o ano de 1999, com terremotos, maremotos, inundações, furacões, hecatombes, guerras e epidemias que “libertariam da matéria” dois terços da humanidade. A partir daí, o terceiro milênio inauguraria a Nova Era (MAES, 1983).

Um ponto que merece futura investigação é o impacto político exercido sobre o espiritismo a partir da religiosidade de tipo Nova Era. Questões como a relação entre individualismo e a religiosidade de autoajuda, mas também a possível flexibilização ou contestação aberta dos códigos morais hegemônicos com o movimento de contracultura podem ser compreendidos numa perspectiva política.

Se expectativas milenaristas se apresentam nos anos 1960 e 1970, por outro lado a agitação político-social entra em ponto de ebulição em torno de 1968, no mundo e no Brasil. A expressão espírita mais contundente desse clima foi o Movimento Universitário Espírita (MUE) surgido no Estado de São Paulo, constituído por jovens universitários que aproximaram o espiritismo do humanismo cristão de Emmanuel Mounier e do humanismo marxista de Eric Fromm (MIGUEL, 2014).

---

<sup>2</sup> Inicialmente, as obras de Ramatis não foram claramente rechaçadas pelo movimento espírita federado, mesmo Emmanuel manifestou-se de modo cauteloso, sem confirmar ou infirmar tais profecias (LEWGOY, 2000, p. 139-140). Outros importantes nomes do espiritismo brasileiro, porém, opuseram-se frontalmente às obras de Ramatis, como José Herculano Pires, jornalista e filósofo crítico de tendências “místicas”. Com o tempo, as próprias instituições federadas passaram a interditar, com mais ou menos rigor, as ideias proféticas e esotéricas de Ramatis.

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Aqui podemos destacar a dimensão profética do marxismo, fundada no horizonte aberto de uma “utopia concreta”, como quis Ernst Bloch. O fato de que o MUE clamava por uma virada politizadora no movimento espírita, que respondesse às “questões sociais” do seu tempo, como o imperialismo, o capitalismo e a ditadura, não significa que as expectativas de um mundo futuro “regenerado” tenham saído de cena. Para o MUE, a obra *O reino*, de Herculano Pires, publicada originalmente em 1946, apontava na direção da construção desse mundo futuro pela ação político-religiosa radicalizada, isto é, com a ambição de uma renovação moral, econômica e social capaz de realizar na Terra “o reino de Deus” do qual falara Jesus. As possíveis convergências entre cristianismo, marxismo e espiritismo em torno de um projeto de transformação social revelam potencialidades políticas contrapostas à aparente predominância do efeito conservador observado no profetismo espírita.

### *Em clima de fim do mundo*

A partir dos anos 2000 expectativas proféticas retornaram com força. Passado o temor do “Bug do Milênio”, viera a suposta profecia maia do fim do mundo em 2012. No meio espírita, Geraldo Lemos, empresário e orador espírita, em entrevista à Marlene Nobre, no jornal *Folha Espírita* de maio de 2011, revela que Chico Xavier, em 1986, o teria confiado a seguinte profecia: quando da chegada do homem à lua os dirigentes celestiais do sistema solar reuniram-se e, preocupados com o avanço militar nuclear terrestre, solicitaram ao instituto universal da Justiça Divina que fosse cobrado da humanidade os milênios de débitos contraídos. Jesus, governador da Terra, advogando em causa dos terráqueos teria intercedido para que tivéssemos uma última chance, de se onde se acordou um prazo, uma data limite de 50 anos com o seguinte condicionante – que não iniciássemos uma terceira guerra mundial. Passado o ano de 2019, portanto, a humanidade teria vencido tal prova. Em 2014, foi realizado o documentário *Data Limite*, que divulgou amplamente tal profecia.

Haroldo Dutra Dias, por sua vez, na obra *Despertar: nossos desafios na transição planetária*, no último capítulo, intitulado “Trabalhadores da última hora”, calcula o ano em que se inicia e se conclui a transição planetária para o mundo de regeneração. Utilizando referências bíblicas de contagem do tempo e profecias neotestamentárias de

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

um lado, associadas à narrativa de *A caminho da Luz* e palavras de Chico Xavier, Haroldo Dutra chega à conclusão de que a data limite para a conclusão da transição é 2057 (DIAS, 2020, p. 309-315). Tais profecias com especificações de datas têm gerado polêmicas entre os espíritas, com toda a sorte de posições, desde recomendações de prudência e críticas firmes até silêncios reticentes e entusiasmados apoios.

### *Divaldo Franco e a transição planetária*

Manoel Philomeno de Miranda é o autor espiritual de duas obras recentes do médium e orador Divaldo Franco que trazem, com centralidade, o tema em tela: *Transição Planetária*, de 2010, e *No rumo do mundo de regeneração*, de 2021. A primeira trata da assistência espiritual no contexto do tsunami de 26 de dezembro de 2004 que matou 230 mil pessoas em 14 países no Oceano Índico, a maioria na Indonésia. Nessa obra são fartos os relatos do sofrimento provocado pela tragédia, tanto entre os sobreviventes quanto entre os recém desencarnados. Nesses relatos, destaca-se a vinculação a problemas como a corrupção (o desvio de recursos arrecadados em solidariedade às vítimas) e a exploração do turismo sexual (FRANCO, 2010, p. 29).

Por meio de personagens do mundo espiritual, é endossada a tradição profética: profetas bíblicos, o calendário maia, Nostradamus, Edgar Cayce e espíritos da “codificação espírita” são citados com aprovação, por anunciarem grandes transformações de cunho físico e moral no planeta Terra, preparando-a para um futuro ditoso, paradisíaco (FRANCO, 2010, p. 86-87). Para além da exortação à transformação moral dos indivíduos, necessária para evitar o exílio planetário no transcurso da transição anunciada, é destaca a consoladora “notícia espiritual” de que está programada uma preparação física do orbe (“harmonização” das placas tectônicas e diminuição da alta temperatura do magma vulcânico) e uma “imigração” de espíritos mais evoluídos para garantir o futuro mundo de regeneração, num clima ameno com “paisagens edênicas” (FRANCO, 2010, p. 88-89).

Vale refletirmos sobre alguns dos possíveis sentidos políticos dessa promessa espiritual, bastante corrente no imaginário espírita<sup>3</sup>. A valorização de transformações

---

<sup>3</sup> Em *Amanhecer de uma nova era*, outra obra assinada espiritualmente por Manoel Philomeno de Miranda sob a autoridade mediúmica de Divaldo Franco, afirma-se que: “As mais vigorosas convulsões planetárias

## **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

físicas geológicas e climáticas como preparatórias de um mundo futuro melhor sinaliza para uma expectativa positiva acerca de grandes fenômenos físicos, potencialmente induzindo a uma neutralização de preocupações ante às atuais mudanças climáticas em curso. Em tempos de crescente mobilização política em favor de ações que impeçam a escalada do aquecimento global e revertam a crise da biodiversidade, podemos considerar um alienante “anestésico” a reconfortante projeção de um horizonte de expectativa otimista baseado na ideia de que há uma programação espiritual para mudanças geofísicas que melhorarão a habitabilidade do planeta.

Outro elemento da profecia da transição planetária que pode assumir o caráter de “ópio do povo” é a importância conferida ao poder transformador de uma “plêiade de espíritos mais evoluídos” que encarnariam massivamente no planeta Terra. Essa profecia funciona, aproximadamente, como a promessa de uma segunda vinda do Cristo, com capacidade de alcançar os resultados que os seus seguidores não conseguiram obter (FRANCO, 2016, p. 209). O corolário da lógica de desengajamento político no contexto da profecia da transição planetária é a exortação, constantemente reafirmada, à reforma íntima, reduzida, em regra, a expressões genéricas, metafóricas e subjetivistas que remetem à prece, à vigilância do pensamento e às vibrações positivas (FRANCO, 2016, p. 203). Em suma, a transição planetária é apresentada frequentemente como um inevitável cataclisma físico acompanhado de um cataclisma “moral”, esse sim verdadeiramente ameaçador, contra o qual o espírito vigilante deveria se resguardar, resistindo ao arrastamento do mal.

Um marco recente importante para compreendermos os possíveis sentidos políticos da narrativa da transição planetária é o agudo tensionamento político-social brasileiro deflagrado no curso dos anos 2015 e 2016, e aprofundado até a atualidade, com o fenômeno do bolsonarismo. A ascensão de um movimento social de caráter neofascista traz questões importantes para se pensar em versões reacionárias da expectativa apocalíptica. Aqui, limitamo-nos apenas a especular entre possíveis relações entre o desejo de destruição “de tudo que está aí”, próprio do fascismo, e a categoria de

---

tornam-se necessárias para que haja alteração para melhor no clima, na estabilidade relativa das grandes placas tectônicas, nas organizações sociais e comunitárias, com os recursos agrários e alimentícios naturais para manter no futuro as populações não mais esfamadas nem miseráveis, como ocorre na atualidade (FRANCO, 2016, p. 202).

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

ressentimento como afeto político, que pode contribuir para explicar o reacionarismo exacerbado entre amplos setores da classe média incomodados com o avanço do feminismo, do movimento LGBTQI+, do movimento negro e com a redução de poder relativo (em termos econômicos e de status sociocultural) junto àqueles que se localizavam abaixo na hierarquia de classes. O irracionalismo é outro elemento típico do fascismo, o que ajudaria na compreensão do atual fenômeno de amplo sucesso comunicativo da mentira como método sistemático de política reacionária, incluindo as mais absurdas teorias conspiratórias, com um forte vetor de anticiência. Esses elementos, parece-nos, devem ser examinados com atenção no âmbito da análise do atual movimento espírita brasileiro.

Para citarmos um exemplo dessa problemática, pensemos no polêmico pronunciamento anticomunista de Divaldo Franco, por ocasião de um evento espírita realizado em fevereiro de 2018, contra o que ele considera marxismo e a suposta “ideologia de gênero”. Como já o dissemos:

Divaldo ataca a chamada “ideologia de gênero” como criação de Marx (atribuindo a ele a intenção de “escravizar um povo moralmente”, associando marxismo com corrupção e denunciando a “ideologia de gênero” como um plano para fazer as crianças crescerem sem qualquer princípio moral), vincula sua “implantação” no Brasil aos governos dos últimos dez anos (portanto, aos governos petistas) e elogia o juiz Sérgio Moro como “venerando”, referindo-se a ele como o presidente da “república de Curitiba”. (MIGUEL, 2020, p. 101)

A partir daí, como bem analisaram Luiz Signates, João Damásio, Célia Arribas e Marcelo Camurça, desenvolveu-se uma reação progressista de espíritas incomodados com o conservadorismo dominante no movimento espírita brasileiro (SIGNATES, 2019; ARRIBAS, 2020; DAMÁSIO, 2020; MIGUEL, 2020; CAMURÇA, 2021 e SIGNATES e DAMÁSIO, 2021). É nesse contexto de crescente tensão política no campo do espiritismo brasileiro que devemos situar nossa análise a seguir.

A obra *No Rumo do Mundo de Regeneração*, também do médium Divaldo Franco, assinada pelo espírito Manoel Philomeno de Miranda, foi publicada no dia 31 de dezembro de 2020, apresentando uma narrativa acerca dos “bastidores espirituais” em operação no contexto atual da pandemia da Covid-19. Tais bastidores funcionam como ilustração da grande e decisiva batalha que estaria em curso para preparar o mundo para

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

seu novo estágio evolutivo. Essa batalha explica-se pela exacerbação de problemas de natureza moral, compreendidos como espirituais:

“Doutrinas estapafúrdias gozam de cidadania, e os valores que engrandecem o ser, contribuindo para o equilíbrio psicofísico dos indivíduos, são substituídos por fantasias absurdas e gozos extravagantes.

Felizmente a Doutrina de Jesus, submetida ao cinismo cultural e comportamental, sobrevive com a sua chama do amor e do perdão, da solidariedade do bem, sustentando os milhões de vidas que se lhe vinculam e trabalham pela ordem e pelo dever da solidariedade.

Esses dias alucinados passam, porque fazem parte de um período de seleção de ideias e existências, que retornam à Terra portando conflitos inomináveis e a dor trabalha-os, edificando resultados formosos.” (FRANCO, 2021, p. 11-12)

A crise moral é entendida como desregramento, como excesso e, portanto, o bem significa ordem, restrição, controle. Drogas e vícios degradantes, leniência com a libertinagem em nome do respeito às minorias, a instituição da família combatida e Jesus escarnecido compõem um rol de subversões do ideal moral de purificação do espírito ante o mundo da matéria potencialmente corruptor.

A drogadição vinha, há décadas, consumindo a juventude, e vícios degradantes dominavam a sociedade que combatia a família, a educação, a saúde e os meios de dignificação humana. O bafio pestilento exteriorizado pelo materialismo dominador das massas zombava de Deus, na condição de mito superado, e a figura de Jesus e Sua Doutrina, como as personagens dos Seus dias, que O acompanhavam, sendo objeto de escárnio e desdém... (FRANCO, 2021, p. 19)

Essa narrativa, centrada no delineamento de uma grande crise espiritual, envolvendo degradação moral e intelectual, foca em questões de comportamento sexual como um dos principais problemas do sensualismo e do materialismo, cujo ateísmo seria uma de suas expressões intelectuais.

Em nome da arte e da cultura, vivia-se a bacanal em toda parte com anuência das autoridades ou por elas estimulada, e graves transtornos de conduta formavam uma sociedade desarrazoada e venal.

Os valores éticos, a princípio, surdamente, depois vulgarizando através dos veículos de comunicação tradicional e virtual, eram anulados como castradores da liberdade, e a necessidade de igualdade com as minorias de todos os aspectos favorecia a libertinagem desmedida. Pessoas cultas e aparentemente sensatas de repente sentiam necessidade de quebrar os limites, a que denominavam como tabus, e desnudavam-se em nome da nova ordem, animalizando mais o ser humano e humanizando os animais.

Disparates de toda espécie tornavam-se motivos de brigas interminas e qualquer postura de equilíbrio era vista como remanescente da chamada decadência do comportamento ultramontano. (FRANCO, 2021, p. 19-20)

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

A batalha em curso, então, é compreendida como oposição entre as forças da espiritualização e as forças do materialismo/sensualismo. Trata-se de uma concepção de evolução que associa animalidade e matéria de um lado e, de outro, por oposição, angelitude e espírito. O par balizador sagrado/profano é plenamente operatório.

É importante sublinharmos como a referida narrativa pode ser lida, ainda que não diretamente, como evocando ou sinalizando para vários elementos presentes em polêmicas atuais produzidas a partir da crescente vocalização de setores conservadores em termos culturais e políticos. É o caso do suposto escárnio à figura de Jesus no episódio do desfile carnavalesco da escola de samba Gaviões da Fiel em fevereiro de 2019 no qual encenou-se uma batalha na qual Jesus teria sido vencido por Satanás. Ou ainda o protesto da modelo transexual Viviany Beleboni por ocasião da Parada do Orgulho LGBT de 2015, em São Paulo, quando ela encenou sua própria crucificação representada como Jesus.

A política entra em cena pelo signo da corrupção e a intelectualidade figura de modo muito próximo às imagens difamatórias presentes no discurso da direita associada ao governo Bolsonaro, como os sucessivos ataques verbais às universidades públicas por parte do ex-ministro da educação Abraham Weintraub.

Os jogos políticos atingiam as mais chocantes aberrações de furtos e roubos, predominando o cinismo de criaturas declaradas sem honra em face dos crimes cometidos e divulgados.

As universidades negavam a finalidade para a qual foram edificadas pelas civilizações transatas, dominadas pelos revolucionários perversos que os políticos insanos colocavam para desviarem a juventude, seduzindo com programas ateus e depravados, em que os instintos primitivos eram exaltados até a consumpção das energias devoradas pelos interesses de corruptos e de corruptores. (FRANCO, 2021, p. 20)

Fica clara a identificação de políticos insanos corruptos/corruptores com revolucionários (leia-se, “esquerdistas”) “perversos” que atuariam em favor do ateísmo que, por sua vez, é associado à depravação moral. Logo adiante, encontra-se uma possível alusão crítica à “polarização” política: “Perde-se muito tempo com dialética vazia e combates antifraternos, separando as pessoas do mesmo clã por ideologias políticas e criminosas, enquanto os males surgem inesperadamente” (FRANCO, 2021, p. 21).

Fazendo eco a teorias da conspiração propagadas no vasto fluxo de *fake news* a respeito do coronavírus, sugere-se que esse possa ter sido produzido em laboratório (FRANCO, 2021, p. 43 e 303). Em outra passagem, em possível alusão velada à China,

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

especifica-se o qualificativo do ateísmo para os países que estariam manipulando determinados vírus para fazer guerra biológica (FRANCO, 2021, p. 97).

O anticomunismo, como vimos já explicitado por Divaldo Franco recentemente, se faz presente em menção direta, com a esdruxula imputação ao comunismo da “tese” de facilitar a diminuição de habitantes do planeta negando-se assistência médica às pessoas idosas (FRANCO, 2021, p. 113).

Em algumas passagens, alude-se à eficácia da “medicação muito discutida quanto aos seus efeitos, mais por questões políticas infelizes do que constatadas cientificamente”, além de tecer-se pesadas críticas aos laboratórios de pesquisa e de produção de vacinas (FRANCO, 2021, p. 148). A impressão passada ao leitor é a de que a medicação em questão é a cloroquina e que a oposição ao seu uso como tratamento em quadro de Covid-19 seria motivada por interesse financeiro. Ou seja, a narrativa acaba por fazer coro ao discurso de Bolsonaro e de parte da categoria médica que se alinhou à defesa da cloroquina como medicamento eficaz no tratamento da Covid-19.

Finalmente, a despeito da sugestão de uma possível fabricação criminosa do coronavírus, a tese central do livro parece ser que a pandemia cumpre a função de contribuir para a preparação para o mundo de regeneração. Trata-se, por um lado, de impor, pelo sofrimento, a humildade em falta num mundo degradado moralmente e, por outro, de oportunizar a expiação em massa por meio de um “programa seletivo” baseado em “sintonia vibratória” com a virose (FRANCO, 2021, p. 98).

A pandemia seria um dos instrumentos da grande “faxina espiritual” necessária à purificação moral dos habitantes do planeta Terra, além de outras “convulsões físicas do planeta” que haverão de se processar: “A *limpeza* espiritual, portanto, está sendo feita, já desde há algum tempo, agora no seu apogeu, sob o amparo da pandemia e de outras convulsões físicas do planeta em ordenamento das suas camadas e equilíbrio do seu eixo...” (FRANCO, 2021, p. 163; grifo no original). É interessante notarmos essa convergência entre a instauração da ordem e do equilíbrio num sentido ao mesmo tempo físico e moral.

A crítica moral à promiscuidade, aos “prazeres ultrajantes” é central na narrativa: se a evolução visa a aproximação à angelitude, ao “espiritual”, tudo aquilo que é identificado à animalidade, ao “material”, deve ser superado, “custe o que custar”. O

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

excesso de prazer do corpo é tão ignominioso que exige expiação reparadora por meio de grandes tormentos, como as guerras e as pandemias.

Em suma, o tema da transição planetária acaba por assumir um tom político fortemente conservador em termos de moral sexual, fazendo apelo ao rigor, à ordem e à disciplina, ecoando assim o repertório narrativo atualmente mobilizado pelo bolsonarismo.

## *Conclusões*

Vimos que as expectativas acerca do futuro constituem um elemento central no espiritismo, doutrina religiosa marcada pela ideia de progresso, de evolução espiritual e material. Tais expectativas são recorrentemente animadas por discursos proféticos, assumindo determinados significados políticos de acordo com as distintas configurações históricas que marcaram o espiritismo. Em nossa pesquisa destacamos alguns desses significados no contexto brasileiro, como o republicanismo e o positivismo animados pela confiança no progresso civilizacional, ou ainda o elitismo, o corporativismo e o nacionalismo capazes de engajar setores da classe média brasileira no projeto espírita para a “pátria do Evangelho”.

Analisamos como as expectativas proféticas podem contribuir para engajamentos e desengajamentos políticos, assumindo normalmente um viés conservador no caso do espiritismo brasileiro, assentado no discurso de neutralidade política. E, por fim, destacamos o contexto recente das narrativas da transição planetária entre os espíritas, com destaque para a presença de elementos da onda conservadora e, mesmo, neofascista que ora vicejam no Brasil.

## *Bibliografia:*

ARRIBAS, Célia. **Afinal, espiritismo é religião?** São Paulo: Alameda; Fapesp, 2010.

\_\_\_\_\_. **No princípio era o verbo: espíritas e espiritismos na modernidade religiosa brasileira.** 2014. Tese (Doutorado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

\_\_\_\_\_. Política, gênero e sexualidade: controvérsias espíritas entre progressistas e conservadores. **Contemporânea**, v. 10, n. 2, Maio-Ago. 2020.

ASAD, Talal. **Genealogies of Religion: Disciplines and Reasons of Power in Christianity and Islam**. Baltimore, Md.: Johns Hopkins University, 1993.

AUBRÉE, Marion; LAPLANTINE, François. **La table, le livre et les esprits: naissance, évolution et actualité du mouvement social spirite entre France et Brésil**. Paris: Jean Claude Lattes, 1990.

CAMURÇA, Marcelo. Conservadores x progressistas no espiritismo brasileiro: tentativa de interpretação histórico-hermenêutica. **PLURAL**, Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP, São Paulo, v. 28.

COHN, Norman. **Cosmos, caos e o mundo que virá: as origens das crenças no Apocalipse**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

DAMAZIO, Sylvia F. **Da elite ao povo: advento e expansão do espiritismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.

DAMASIO, João. Da caridade à cidadania em fluxos: posicionamentos espíritas nas eleições de 2018. **ComPolítica**, v. 10, n. 2, p. 135-166, 2020.

DIAS, Haroldo Dutra. **Despertar: nossos desafios na transição planetária**. São Paulo: Intelítora Editora, 2020.

FRANCO, Divaldo Pereira. **Transição planetária**. Salvador: Livraria Espírita Alvorada Editora, 2010.

\_\_\_\_\_. **Amanhecer de uma nova era**. Salvador: LEAL, 2016.

\_\_\_\_\_. **No rumo do mundo de regeneração**. Salvador: LEAL, 2021.

GIUMBELLI, Emerson. **O fim da religião: dilemas da liberdade religiosa no Brasil e na França**. São Paulo: Attar Editorial, 2002.

ISAIA, Artur Cesar. Espiritismo, conservadorismo e utopia. In: PINTO, Elisabete A; ALMEIDA, Ivan A. de (orgs.). **Religiões: tolerância e igualdade no espaço da diversidade**. São Paulo: Fala Preta, 2004. p. 101-116.

\_\_\_\_\_. Espiritismo, república e progresso no Brasil. In: HOMEM, A. C; SILVA, A. M e ISAIA, A. C. **Progresso e religião. A República no Brasil e em Portugal**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra; Uberlândia: Edufu, 2007.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

\_\_\_\_\_. A República e a teleologia histórica do espiritismo. In: ISAIA, Artur Cesar e MANOEL, Ivan Aparecido (org.). **Espiritismo e religiões afro-brasileiras**. São Paulo: Ed. Unesp, 2012.

KARDEC, Allan. Obras póstumas. Brasília: FEB, 2017.

\_\_\_\_\_. O evangelho segundo o espiritismo. Brasília: FEB, 2019.

\_\_\_\_\_. A gênese. Brasília: FEB, 2020.

KOSELLECK, Reinhart. **Crítica e crise: uma contribuição à patogênese do mundo burguês**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1999.

\_\_\_\_\_. **Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto e Ed. PUC-Rio, 2006.

LEWGOY, Bernardo. **Os espíritas e as letras**. 2000. Tese (Doutorado em Antropologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

\_\_\_\_\_. **O grande mediador: Chico Xavier e a cultura brasileira**. Bauru: EDUSC, 2004.

LÖWY, Michael. **A guerra dos deuses: religião e política na América Latina**. Petrópolis: Vozes, 2000.

MAES, Hercílio. **Mensagens do astral**. Curitiba: Freitas Bastos, 1983.

NOGUEIRA, Fausto Henrique Gomes. **Os espíritos assombram a metrópole: sociabilidades espiritualistas (espírita e esotérica) em São Paulo na Primeira República**. Tese de Doutorado em História pela USP, 2016.

MATA, Sérgio da. **História e religião**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

MIGUEL, Sinuê Neckel. Espiritismo e Política: o compasso dos espíritas com a conjuntura dos anos 1930-1940. **Debates do NER**, Porto Alegre, n.15, p.39-70, 2009.

\_\_\_\_\_. A questão política no Espiritismo: o sagrado e o profano em tensão. In: MOURA, Carlos André S. de; SILVA, Eliane Moura da; SANTOS, Mário R. dos; SILVA, Paulo Julião da (Orgs.). **Religião, Cultura e Política no Brasil: Perspectivas Históricas**. 10. ed. Campinas: Coleção Ideias. IFCH – UNICAMP, 2011. p. 85-108.

\_\_\_\_\_. **Movimento Universitário Espírita: religião e política no Espiritismo brasileiro (1967-1974)**. São Paulo: Alameda, 2014.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

\_\_\_\_\_. Disposições políticas no espiritismo brasileiro: entre “neutralidade” conservadora e aspirações socialistas. **SÆCULUM – Revista de História**, v. 25, n. 42, João Pessoa, p. 86-104, jan./jun. 2020.

NONGBRI, Brent. **Before religion: a history of a modern concept**. New Haven: Yale University Press, 2013.

SAES, Décio. **Classe média e sistema político no Brasil**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1984.

SIGNATES, Luiz. Espiritismo e política: os tortuosos caminhos do conservadorismo religioso e suas contradições no Brasil. **Caminhos**, Goiânia, Especial, v. 17, p. 138-154, 2019.

SIGNATES, Luiz e DAMÁSIO, João. Configurações digitais da contrahegemonia espírita: uma cartografia dos coletivos progressistas e de esquerda no espiritismo brasileiro. **Revista Tropos: Comunicação, Sociedade e Cultura**, v. 10, n. 1, Julho de 2021.

SILVA, Eliane Moura. Maçonaria, Anticlericalismo e Livre Pensamento no Brasil (1901-1909). Comunicação apresentada no **XIX Simpósio Nacional de História – ANPUH**, Belo Horizonte, 1997. p. 1-26.

SILVA, Fábio Luiz da. **Espiritismo: história e poder (1938-1949)**. Londrina: Eduel, 2005.

\_\_\_\_\_. A utopia espírita: cidade espiritual Nosso Lar. In: ISAIA, Artur Cesar e MANOEL, Ivan Aparecido (org.). **Espiritismo e religiões afro-brasileiras**. São Paulo: Ed. Unesp, 2012.

XAVIER, Francisco Cândido. **Emmanuel**. Brasília: FEB, 2018.

\_\_\_\_\_. **Brasil, coração do mundo, pátria do evangelho**. Brasília: FEB, 2019.

\_\_\_\_\_. **A caminho da luz: história da civilização à luz do espiritismo**. Brasília: FEB, 2020.